PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM CIÊNCIAS A PARTIR DO LIVRO 'IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO' DE AILTON KRENAK NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DECOLONIAL[1]

PROPOSAL FOR A DIDACTIC SEQUENCE IN SCIENCE EDUCATION BASED ON THE BOOK 'IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO' BY AILTON KRENAK FROM THE PERSPECTIVE OF DECOLONIAL PEDAGOGY

Nathan Garcez Silva (Unesp, campus Botucatu – nathan.garcez@unesp.br)
Paulo César Gomes (Unesp, campus Botucatu – pc.gomes@unesp.br)

Eixo temático: Eixo 9 - Educação, Interculturalidade e Movimentos Sociais.

Resumo:
A Pedagogia Decolonial busca romper com o legado colonial justamente emergindo como crítica à construção da visão eurocêntrica de mundo e que também fora estendida à Educação nos países explorados e colonizados com essa finalidade. O objetivo central da pesquisa foi investigar se a problematização de temas decorrentes da obra literária "Ideias Para Adiar o Fim do Mundo" do autor indígena Ailton Krenak serviria como proposta e pretexto para a elaboração e implementação de uma sequência didática em temas de ciências e meio ambiente para turmas do Ensino Fundamental II a luz da proposta da Pedagogia Decolonial proposta por Catherine Walsh e outros autores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em Educação que contou com anotações decorrentes da proposição da proposta da ação educativa a partir do livro mencionado, registro em videoteipe da apresentação da aplicação da sequência didática desenvolvida no âmbito do Programa Residência Pedagógica da Capes e registros decorrentes da elaboração da proposta. Os resultados sugerem a necessidade de maiores investimentos na proposta da Pedagogia Decolonial e seus teóricos no âmbito dos cursos de formação de professores da área das Ciências e Biologia.
Palavras-chave: Formação de professores. Ensino de Ciências. Pedagogia Decolonial.

Abstract:
Decolonial Pedagogy seeks to break with the colonial legacy precisely by emerging as a critique of the construction of the Eurocentric vision of the world and that was also extended to Education in the countries exploited and colonized for this purpose. The main objective of the research was to investigate whether the problematization of themes arising from the literary work "Ideas para adiar o fim do mundo " by the indigenous author Ailton Krenak would serve as a proposal and pretext for the elaboration and implementation of a didactic sequence in science and environmental themes for Elementary School II classes in the light of the proposal of Decolonial Pedagogy proposed by Catherine Walsh and other authors. This is qualitative research in Education that included notes resulting from the proposition of the proposal of the educational action from the mentioned book, videotape record of the presentation of the application of the didactic sequence developed within the scope of the Capes Residência Pedagógica Program and records resulting from the elaboration of the proposal. The results suggest the need for greater investments in the proposal of Decolonial Pedagogy and its theorists in the context of teacher training courses in Science and Biology.
Keywords: Teacher education. Science Teaching. Decolonial Pedagogy.

[1] Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da PROEC – Unesp e CAPES (Programa Residência Pedagógica)

1. Palavras Iniciais

A pesquisa realizada teve como objetivo apresentar uma proposta de sequência didática no âmbito da pedagogia decolonial a partir do livro "Ideias para adiar o fim do mundo" de autoria do indígena Ailton Krenak que foi implementada na unidade escolar de ensino público estadual Escola Estadual Professor Américo Virgínio dos Santos na cidade de Botucatu, no interior paulista. Quando consideramos o tempo de produção das ideias na academia e sua efetiva aplicação no chão da escola, podemos considerar que o debate acadêmico sobre o pensamento decolonial é muito recente no Brasil e no mundo. A conquista do território americano a partir das grandes navegações, bem como decorrente da partilha da Ásia e África pelos denominados "povos do hemisfério norte", estes territórios, em conjunto, foram palco da relação entre codificação e decodificação das diferenças imputadas de forma arbitrária na relação entre conquistadores e conquistados (Quijano, 2005). A ideia de raça pautada numa suposta distinção de estrutura biológica, que poderia situar "naturalmente" diferentes seres humanos oriundos de grupos étnicos e culturais em diferentes graus de superioridade e inferioridade. Para esse autor, as relações sociais decorrentes dessa ideia fundaram identidades sociais novas "índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu" (p.117), servindo não apenas para indicação geográfica de procedência, mas com ênfase e conotação racial, progredindo para que raça e identidade racial transformassem-se em instrumentos de classificação social. Por fim, Quijano (2005) destaca que a relação entre conquistadores e conquistados deu-se historicamente mediante relações antagônicas entre superioridade/inferioridade, colonizador/colonizado, europeu/não-europeu, branco/não-branco que, em conjunto foram utilizadas como instrumentos eficazes e duradouros da dominação social universal.

São inúmeros autores precursores Pedagogia Decolonial, doravante PD, dos quais Paulo Freire é defendido pela sua proposta inovadora ao reconhecer e valorizar os saberes inerentes aos diferentes grupos étnicos, culturais e de diferentes classes sociais. Assim, as ideias presentes neste texto são compreendidas a partir das de trabalhos produzidos por Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh (2010; 2009), Walter Mignolo, Dussel, dentre outros autores. Os povos originários da América Latina, aqui em especial do Brasil, passaram por um doloroso processo de expropriação cultural, de seus costumes, de seus valores, de suas crenças e de suas tradições e, paulatinamente, substituídos pela visão eurocêntrica. A PD propõe críticas a essa visão eurocêntrica no sentido de promover rupturas a esse pensamento. A proposta visa o reconhecimento da diversidade e da pluralidade de saberes, de modo que também contemple as culturas dos povos originários e povos escravizados de forma a incorporar as perspectivas desses povos na Educação.

Assim, nos últimos anos, a PD vem tomando corpo e se qualificando em diversos campos do conhecimento social e histórico, especialmente no campo da Educação. No Brasil há diferentes discussões e propostas que visam a valorização dos povos forçadamente trazidos da África e dos povos originários no sentido de promover discussões temáticas de questões clássicas da Educação, tais como, currículo, didática, formação docente, cultura escolar, dentre outras. Há um aumento no número de pesquisadores brasileiros que buscam desenvolver uma nova perspectiva educacional que inclua e seja baseada nos sujeitos marginalizados pela colonialidade, como povos indígenas, afrodescendentes, quilombolas, diversidades de sexo-gênero e outros marcadores de diferença que se opõem às lógicas educativas hegemônicas. Nesse sentido, destacamos os trabalhos de Pinheiro e Rosa (2022; 2018) e Pinheiro (2023) justamente em função de articulações com a interseccionalidade, das novas demandas implicadas com o desafio de superar desigualdades e

discriminações raciais, de gênero, sexualidade, religiosas, dentre outras. Bem como, em reconhecer e valorizar as diferenças, assumindo as tensões entre igualdade e diferença, políticas de redistribuição e de reconhecimento. No bojo das discussões contemporâneas, o sentido da pedagogia decolonial se forja na perspectiva de intervir na reinvenção da sociedade, na politização da ação pedagógica e em propostas que almejem desaprender o aprendido e desafiar as estruturas epistêmicas da colonialidade (Mignolo, 2018; Walsh, 2010). Do mesmo modo, Krenak (2019) e Pinheiro (2023) argumentam que é necessário reconhecer e valorizar os saberes e culturas dos povos indígenas. Nesse sentido, é essencial compreender a necessidade da construção de uma sociedade socialmente justa, mais inclusiva e respeitosa. Em vigor desde 2008, a Lei 11.645/08, que buscou promover políticas públicas no sentido de atualizar as Leis 9.394/96 e 10.639/03, tornando obrigatória a inserção nos currículos nacionais do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e da História e Cultura Indígena, bem como da relevância desses povos na formação da população brasileira e suas contribuições nos âmbitos sociais, econômicos e políticos (Brasil, 2008).

No Brasil, este movimento em busca de uma educação decolonial, ou seja, uma educação pautada na recusa aos moldes eurocêntricos de ensino, perpassa o campo legislativo, com leis, diretrizes e propostas de documentos para alterações de currículos, bem como o campo da pesquisa, com a produção de artigos, dissertações e projetos de formação continuada de professores. Nesse sentido, emergiu a necessidade de idealizar uma proposta pedagógica que engajasse os educandos, abordasse a temática das relações étnico-raciais dos povos indígenas em diálogo com o ensino de Ciências, abordando a habilidade EF07CI07 *"Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas"* (Brasil, 2018) que consiste em: Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas.

Quijano (2007) oferece uma visão sobre as consequências desse processo exploratório ao conectar colonialismo e colonialidade. Ele argumenta que o padrão de dominação e exploração político-econômica imposto pelo colonialismo estabelece uma relação de poder informal que persiste mesmo após a independência das colônias, chamada colonialidade. Essa colonialidade atua na intersubjetividade do mundo moderno, baseando-se na desigualdade de autoridade entre os povos europeus e os povos colonizados, afetando as relações de trabalho, o conhecimento e as trocas culturais no mundo globalizado. Assim, mesmo fora da jurisdição política dos colonizadores, os povos descendentes dos colonizados ainda sofrem a ação da colonialidade, tendo seus fatores identitários diluídos pela influência europeia. De grande relevância para este trabalho, a autoridade do conhecimento é um fator afetado por essa influência, nomeado por Quijano e pesquisadores de seu grupo como "colonialidade do saber". Como apontam Oliveira e Candau (2010) a ideia de Quijano para a colonialidade do saber, implica em "repressão de outras formas de produção de conhecimento não-europeias, que nega o legado intelectual e histórico de povos indígenas e africanos, reduzindo-os, por sua vez, à categoria de primitivos e irracionais, pois pertencem a "outra raça". (p.20). Para Leite et al (2019), a própria universalidade da escola surge de uma perspectiva colonial de que os povos colonizados precisam passar por um processo "civilizatório", no qual devem absorver um conhecimento parcial em detrimento de seus saberes identitários, pois, na visão eurocêntrica, a "Modernidade" se pauta na epistemologia europeia. Nesse sentido, Leite *et al* (2019) destaca que no "imaginário social, à instituição escolar caberia a difusão dos conhecimentos acumulados pela sociedade a fim de que se perpetuem. No entanto, os saberes ali entendidos como

fundamentais, há de se pontuar, derivam de uma seleção" (p. 7) que, em geral, quase sempre é fundada em um dado padrão hegemônico.

2. Metodologia

Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa em Educação (Lüdke e André, 2013; Bauer e Gaskell, 2007) na qual realizamos registro em videoteipe da apresentação da sequência didática desenvolvida e aplicada pelo professor preceptor e pelos bolsistas do programa Residência Pedagógica ao longo dos encontros realizados. Os registros das aulas ministradas ocorreram no primeiro semestre de 2024 e contou com a participação de licenciandos que cursavam a segunda metade do curso de Ciências Biológicas da Unesp, campus Botucatu, bem como a participação do professor preceptor que também era bolsista do programa. Como parte das atividades finais das atividades e após leitura e discussão de autores que discutem a Pedagogia Decolonial e seus princípios, bolsistas e preceptores, foram desafiados a elaborar uma sequência didática a partir do livro de Ailton Krenak no contexto da proposta da Pedagogia Decolonial e aplicá-la em turmas do Ensino Fundamental II, de modo a sistematizar uma proposta coerente no âmbito do Ensino de Ciências. Dentre outros materiais considerados, o texto base para a proposta foi o artigo: *MARÍN, Yonier Alexander Orozco; SÁNCHEZ, Jenny Paola Morales; CASSIANI, Suzani. "No puedo respirar": enseñanza de la respiración celular en una perspectiva antirracista. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 60, p. 1-17, e21732, jan./mar. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.5585/eccos.n60.21732* .

3. Resultados e Discussão

Os Quadro 1 e Quadro 2 abaixo apresentam uma síntese da proposta de sequência didática apresentada pelos participantes da pesquisa.

Quadro 1. Relação das atividades realizadas ao longo da sequência didática

Tema/Atividade	Descrição da Atividade	Objetivos de aprendizagem
Conversa inicial	Conversa inicial sobre os saberes discentes acerca do tema das aulas e apresentação da proposta	Reconhecer os saberes dos estudantes acerca de processos biológicos
Apresentação do Livro e do Autor	Momento inicial de exposição da obra e do autor	Possibilitar que discentes compreendessem a importância da obra
Vídeo sobre a luta indígena no brasil	Discussão sobre a visão de mundo dos povos indígenas e sua relação com a natureza.	Importância da preservação do ecossistema, relatando a mobilização nacional indígena em defesa da Constituição Federal.
Debate sobre a relação entre a cosmovisão indígena e a visão ocidental	Reflexão sobre como construímos a sociedade moderna e suas consequências.	Análise dos impactos das ações humanas no planeta.
Cosmovisão Indígena e a Ideia de Humanidade	Leitura dos trechos do livro.	Discussão sobre a importância dos ecossistemas para o planeta Terra e para a humanidade como um todo

Reflexão sobre a humanidade	Produção de cartazes reflexivos sobre a responsabilidade humana na preservação dos ecossistemas ambientais.	Apresentação das iniciativas feitas por países e empresas para reverter as mudanças climáticas

Fonte: Autoria própria.

Quadro 2. Síntese da Sequência Didática Apresentada pelos Residentes e Professor Preceptor

Objetivos:
(1) Entender a importância dos ecossistemas na manutenção da vida na Terra;
(2) Avaliar como os impactos provocados pela ação humana nos componentes físicos, biológicos ou sociais de um ecossistema afetam suas populações, podendo ameaçar ou provocar a extinção de espécies, alteração de hábitos, migração etc.
Tínhamos como objetivos também "trazer uma aula mais pautada na realidade dos alunos", de outro modo "destacar a importância dos recursos hídricos da região de Botucatu" de modo a "enfatizar os perigos da derrubada das árvores ao longo do relevo da Cuesta, para a construção de condomínios ou loteamentos".
Primeiro encontro:
Introdução ao Autor e Contextualização;
Apresentação do autor: Ailton Krenak, líder indígena, filósofo e escritor;
Breve contextualização histórica: a importância da luta indígena e ambiental no Brasil;
Apresentação da obra: objetivo, estrutura e temáticas abordadas.
Segundo encontro:
Discussão sobre a visão de mundo dos povos indígenas e sua relação com a natureza;
Apresentação e exibição de vídeo sobre a luta indígena no brasil:(7G Documenta e Machado Filmes), relatando a mobilização nacional indígena em defesa da constituição federal. (02. 2013)
Abordar e discutir os conceitos de ecossistema.
Terceiro encontro
Reflexão sobre como construímos a sociedade moderna e suas consequências.
Análise dos impactos das ações humanas no planeta.
Impactos do colonialismo no Brasil.
Análise das consequências da destruição dos ecossistemas.
Debate sobre a relação entre a cosmovisão indígena e a visão ocidental.
Quatro encontro
Discussão sobre a cosmovisão indígena e a ideia de Humanidade;
Leitura e discussão de trechos do livro de Krenak;
Discussão sobre a importância dos ecossistemas para o planeta Terra e para a humanidade como um todo;
Discussão sobre os sinais de autodestruição e a urgência de mudanças.
Quinto encontro:
Há solução? Reflexão sobre a humanidade.
Apresentação das iniciativas feitas por países e empresas para reverter as mudanças climáticas;
Produção de cartazes reflexivos sobre a responsabilidade humana na preservação dos ecossistemas ambientais.
Análise e discussão das soluções apresentadas.
Atividades Propostas:
Leitura e discussão dos trechos selecionados do livro.
Debate sobre a relação entre a cosmovisão indígena e a visão ocidental.
Produção de textos reflexivos sobre a responsabilidade humana na preservação dos ecossistemas ambientais.
Avaliação:
Participação nas discussões em sala de aula.

Qualidade dos textos produzidos pelos alunos.
Compreensão dos conceitos abordados no livro.
Referências:
KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Fonte: Dados de pesquisa.

A sequência didática do projeto foi aplicada aos educandos do Ensino Fundamental 9 ano da unidade pública de ensino da Escola Estadual Professor Américo Virgínio dos Santos. O início contou com uma conversa e mapeamento dos educandos que dispunham de computadores ou celulares com acesso à internet, o que de antemão já evidenciaria a exclusão digital dada a condição socioeconômica dos estudantes e dada a localização geográfica na qual a escola se encontra. A partir desse mapeamento, foi possível estabelecer um total de 26 educandos do nono ano do ensino fundamental com faixa etária entre 14 e 16 anos que aderiram participar da sequência. As atividades propostas foram apresentadas a partir da revisão de literatura, considerando a ênfase contra as práticas de discriminação e segregação, perpetuados ao longo dos séculos por uma população majoritariamente branca, têm sua base histórica formativa em um passado escravocrata e colonial cm implicações diretas na trama do tecido social, deixando marcas indeléveis na formação identitária dos povos indígenas nas relações raciais do país. O projeto contou com interações presenciais com duração de quatro semanas, divididas em atividades com duas horas de aula, exigindo por parte dos sujeitos envolvidos no uso das tecnologias digitais, desenvolvimento do pensamento crítico, ferramentas e inovação de ensino-aprendizagem. A proposta valorizou a postura proativa do aluno, algo que se tornou fundamental para melhor adequação da proposta. Haja vista que tiveram toda autonomia e protagonismo quanto às tomadas de decisões, quanto às avaliações de resultados, e sugestões quanto a possíveis novas modificações na sequência apresentada, cabendo ao professor mediar os encontros, estabelecer diálogos entre pontos estudados e não percebidos pelo aluno e articular o desenvolvimento das atividades propostas.

As etapas desenvolvidas buscaram mobilizar as competências voltadas para a conscientização política e afirmação da identidade dos educandos. Assim, a proposição da sequência didática possibilitou pensar a ressignificação de práticas do ensino-aprendizagem do Ensino de ciências, indagar os paradigmas de raça, classe e gênero, enfatizando a ruptura dos discursos preestabelecidos para os grupos indígenas no Brasil, observando os espaços dos grupos minoritários e atribuindo “voz” aos sujeitos, enquanto cidadãos ativos e que compreendem os processos de desumanização desses grupos que permitiram ações discriminatórias ou genocídios até os dias atuais. Nossas reflexões possibilitaram revisitar os sentidos dos saberes discursivos que perpetuam o preconceito estrutural envelopado com base nas consequências do colonialismo e destruição dos ecossistemas. A partir das discussões, reflexões, debates, apresentações dos educandos, interações ocorridas, nos momentos síncronos foi possível a elaboração de cartazes reflexivos sobre uma possível solução a respeito da responsabilidade humana na preservação dos ecossistemas ambientais, como produto.

Para além de ações sociais, a sequência didática representou “um movimento de base que buscou empoderar pessoas para que essas efetuassem mudanças positivas em suas vidas” (Garret, 2018, p.1). A elaboração da proposta contou com o engajamento dos educandos, fortalecendo o vínculo com a escola. Já no primeiro encontro, ao abordar a proposta da SD, expondo o livro (Ideias para adiar o fim do mundo) e o autor (Ailton Krenak), os educandos mostraram entusiasmo

e curiosidade com a luta indígena no Brasil. “Utilizamos dessa curiosidade a favor da aprendizagem, inicialmente, respondendo aos questionamentos e comentários, momento que se evidenciou engajamento” (L1). De outro modo, ficou evidente da fala de L1 que os estudantes perceberam a importância dos recursos hídricos da região de Botucatu. Momento em que enfatizaram os perigos da derrubada das árvores ao longo do relevo da Cuesta, para a construção de condomínios ou loteamentos.

Os encontros mostraram a relevância dos temas e profundidade das discussões que reverberam no pensamento dos aprendizes, levando-os à tomada de consciência, principalmente, ao criar paralelos com aquele momento histórico do passado e o que se vivencia até hoje. As discussões e ações desenvolvidas durante a sequência, proporcionaram aos educandos a percepção de como seus posicionamentos críticos e reflexivos amadureciam com desvelamentos de temas como: apropriação cultural, deslegitimação dos direitos, debate sobre a relação entre a cosmovisão indígena e a visão ocidental, discussão sobre a importância dos ecossistemas para o planeta Terra e para a humanidade como um todo. Da fala dos educandos ouvidos durante as discussões foi evidenciada a conscientização sobre a luta indígena no Brasil e quais os ecossistemas são importantes não só para esses grupos, porém para a humanidade como um todo.

Deste modo, entendemos que devemos criar um outro mundo, com novas humanidades e novas ecologias. Tal renovação é urgente, superando a lógica da disputa que se tornou a base das relações inter-humanas e dos homens com o meio ambiente: “Pensar o mundo pela lógica das disputas virou a razão da humanidade, como se essa ideia tivesse uma natureza própria” (Krenak, 2020 p.1). O ciclo de morte e destruição do colonialismo operam simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea. A concepção de etnia se torna um elemento essencialmente político usado para neutralizar as desigualdades e o genocídio de grupos socialmente considerados minoritários. As discussões, ao dar voz aos educandos, colocaram em xeque as estruturas opressoras, relações de poder e ruptura das relações de dominação do colonialismo. Durante as aulas ficou evidente por meio das discussões acaloradas e as produções textuais o interesse e a maturidade dos participantes ao refletirem sobre temas complexos como: falsificação ideológica, privilégios, preconceitos e apropriação cultural.

Surpreendente capacidade e o compromisso para que os discentes encontrassem pontos confluentes entre a experiência de opressão de pessoas autodeclaradas indígenas e a conscientização da preservação dos ecossistemas.

Ficou evidente, por meio das atividades, que a disciplina de Ciências não deve estar atrelada a exercícios enfadonhos e contextos dissociados de suas realidades ou desconectados de propostas sociais relevantes. A produção final implicou na confecção de cartazes reflexivos sobre a responsabilidade humana na preservação dos ecossistemas ambientais, tendo uma repercussão imediata e significativa tanto na escola como junto a comunidade. A ação educativa permitiu aos educandos perceber e compreender que pequenas ações humanas podem contribuir para a luta de empoderamento dos grupos indígenas no Brasil.

4. Considerações Finais

Incorporar os enunciados da pedagogia crítica nas práticas pedagógicas requer compromisso. Idealizar propostas pedagógicas para o ensino de Ciências que fomentem o pensamento crítico a partir de um viés anticolonial e emancipatório, através de ações transformadoras que suscitem a tomadas de decisões, exige planejamento. Trata-se de ensino que

deve levar em consideração especificidades, saberes e conhecimentos diversos. Como educadores, devemos estar atentos e compreender nossa prática como parte integrante do construto cultural da educação, incorporando temas de relevância cultural e social que reflitam a realidade. Devemos induzir os alunos à análise crítica, ao confronto com padrões e práticas homogeneizantes, com sistemas opressores e relações de poder. É essencial manter uma perspectiva decolonial em nossas práticas. É preciso de epistemologias que desconstruam práticas preconceituosas, opressoras e de discriminação dos povos indígenas. Ao propor a sequência didática à luz da pedagogia decolonial, foi preciso exacerbar práticas que engajassem os aprendizes, fomentassem a construção do pensamento crítico, extrapolassem a formalidade, fornecessem subsídios para exercitar a autonomia, incentivar a fala e a escuta, e que fomentasse a pesquisa e a formulação de perguntas. Não com a intenção de buscar respostas certas ou erradas. Buscamos, portanto, democratizar o ensino de Ciências, abrindo espaço e trazendo para a discussão narrativas e discursos de relevância política e social, que colaboram na luta contra a opressão, o discurso hegemônico e a discriminação dos povos indígenas.

5. Referências

BRASIL. **Lei Nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2007, p.64-89.

GARRET, Linda. **And At Once My Chains Were Loosed: How the Black Panther Party Freed Me from My Colonized Mind** (2018). Dissertação. Doutorado. Doutorado em Educação. Universidade de São Francisco. São Francisco, Califórnia, Estados Unidos. Disponível em: https://repository.usfca.edu/diss/450 Acesso em: 30 de outubro de 2021.

KRENAK, Ailton**. Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEITE, Lúcia H A; RAMALHO, Bárbara B M; de CARVALHO, Paulo F L. A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola**. Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, Dossiê – Paulo Freire: o legado global, 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação - Abordagens Qualitativas**. São Paulo: LTC; 2ª edição, 2013.

OLIVEIRA, Luiz F.; CANDAU, Vera M F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**: Para familiares e professores. São Paulo: Planeta; 1ª edição, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. **Descolonizando Saberes**: a Lei 10.639/2003 no Ensino de Ciências. Editora Livraria da Física: São Paulo, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. En: **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005. Em web: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em 03. Mar/2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: Castro-Gómez,Santiago e Grosfoguel,Ramón (Orgs) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo. Bogotá: Siglo del Hombre Editores.2007, p. 9 –22.